"Portugal deve continuar a ser integracionista"

Arouca Seixas da Costa defende que o nosso país deve manter-se nas "políticas centrais" da União Europeia. Ainda para mais quando o continente e o mundo estão sobre as sombras da "incerteza"

Alberto Oliveira e Silva

D.R.

Embaixador apontou o Brexit e a eleição de Trump como as maiores interrogações do futuro

Portugal deverá manter a sua vocação "integracionista", mantendo-se "presente" nas "políticas centrais" da União Europeia, defendeu, ontem, em Arouca, o embaixador Seixas da Costa.

O diplomata de carreira – representou o nosso país nas Nações Unidas e noutros fóruns internacionais, tendo também servido em países como a França e o Brasil – foi convidado do Círculo "Cultura e Democracia" para, no âmbito das "Conferências de Arouca", debater o posicionamento de Portugal numa Europa e num Mundo marcados por fenómenos como o Brexit – a saída do Reino Unido da União Europeia (UE) – e a ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos da América (EUA).

O antigo secretário de Estados dos Assuntos Europeus do Governo de António Guterres vincou que o interesse português determina a permanência em políticas como Schengen e a moeda-única.

Seixas da Costa avisou que as incertezas internacionais podem conduzir a UE para um caminho desagregador, que, por exemplo, leve a uma refundação do euro, apenas em torno de um núcleo de países que possa respeitar todas as regras financeiras do Tratado Orçamental.

"Nesse caso, Portugal ficaria fora da moeda única", sublinhou, apontando que essa via reforçaria a "periferização" do nosso país.

Constatou que, após quatro anos de "sofrimento" sob o domínio da Troika, o Governo actual de António Costa tenta afirmar-se como "contra-ponto" a esses anos de "humilhação". Mas "vivemos no fio da navalha", avisou, concretizando que "qualquer solavanco externo" – exemplificou com a subida da taxa de juro nos EUA, com reflexo na Europa – atingirá fortemente a economia e as finanças lusas.

Acentuou, ainda, a importância do Estado português poder continuar a contar com o auxílio do Banco Central Europeu na hora de vender títulos de uma dívida nacional "que é monstruosa!". Disse que, enquanto a UE continuar a recusar discutir os juros que Portugal paga pelo serviço da sua dívida, "o sufoco vai continuar".

Ainda enfatizou que o Executivo do PS apoiado pelas esquerdas "não tem capacidade para fazer grandes reformas na estrutura do Estado". Caracterizou uma economia que está dependente das exportações e da retoma de alguma procura interna para conseguir crescer.

Quadro mundial marcado pela incerteza

Quanto ao investimento estrangeiro, disse ser decisivo que o Governo mantenha "compromisso com as políticas comunitárias". Uma questão de mostrar estabilidade. Contudo, segundo afirmou, os investidores externos, ou potenciais investidores externos, ainda não estão plenamente convencidos.

Desenhou um quadro europeu e mundial marcado pela incerteza: incerteza quanto aos efeitos do Brexit, se bem que com a certeza de que não serão bons nem para o Reino Unido, nem para a UE, e incerteza quanto às políticas de Trump, em especial nas arenas internacionais.

O embaixador arriscou prever que o novo presidente americano não quererá enfraquecer os factores que sustentam "a capacidade de influência global" dos EUA. Como a NATO e a relação com a Europa, afinal "a primeira fronteira" dos Estados Unidos.

"Este negócio é muito estranho", diz Seixas da Costa sobre a CGD

Seixas da Costa desconfia do processo de transformação em curso da Caixa Geral de Depósitos. "Este negócio é muito estranho e não se fala disso", proclamou. Salientou que a CGD está em processo de "autonomização" face às suas anteriores funções como "instrumento regulador das políticas financeiras no quadro bancário", para se tornar numa "máquina de ganhar dinheiro". Gostaria de saber como é que o banco público se vai "posicionar" em termos de "regulação das políticas públicas".